



ESTADO DE SERGIPE
 PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA
 COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO
 RECORTE DE JORNAIS

CINFORM www.cinform.com.br Aracaju - SE, 21 a 27 de outubro de 2013, Ano XXX, Edição 1593

Acessibilidade ainda engatinha em Aracaju

É preciso romper barreiras arquitetônicas e assegurar acesso à Educação e ao mercado de trabalho

■ **Acessibilidade:** Qual o Verdadeiro Retrato de Aracaju? Deficientes, idosos, crianças, jovens e adultos podem transitar em segurança pelas calçadas? Os ônibus estão adaptados? O poder público tem sido rígido no cumprimento da lei? Um amplo debate, promovido pelo Cinform na sexta-feira, 18, revela que a acessibilidade engatinha na capital sergipana. Os avanços são tímidos e ainda há muito a ser feito.

O encontro suscitou o debate entre dirigentes de órgãos públicos, parlamentares e representantes da sociedade civil. Mediada por Jozailto Lima, diretor de Jornalismo do Cinform, a discussão envolveu o vereador Lucas Aribé, PSB; Luiz Durval, presidente da Empresa Municipal de Obras e Urbanização - Emurb - e Antônio Fonseca, presidente da Associação dos Deficientes Motores de Sergipe.

Compuseram a mesa, ainda, Francisco Navarro, diretor de Planejamento e Sistemas da Superintendência Municipal de Transportes e Trânsito - SMTT -; **Gilton Feitosa, promotor de Justiça do Ministério Público Estadual - MPE -**, e Adenilde Gama, coordenadora da Assessoria Técnica da Empresa Municipal de Serviços Urbanos - Emsurb. Para Jozailto Lima, o debate foi fundamental, também, para avaliar o grau de tolerância dos não deficientes para com as pessoas com deficiência.

INTOLERÂNCIA

Nesse aspecto, há uma unanimidade. O preconceito ainda está muito presente na sociedade. "Muitas portas são fechadas no mercado de trabalho e na educação. Há pessoas



Convidados: mesa representativa

que nem sabem falar com deficientes. Conversam gritando com quem tem baixa visão como se o deficiente visual também fosse surdo. Talvez, as principais barreiras sejam a intolerância e o preconceito", afirmou Lucas Aribé.

O depoimento de Antônio Fonseca, deficiente físico, revela uma das facetas desse preconceito. "Eu ouvi de uma pessoa que eu nasci uma vez e ainda nasci aleijado", contou. Além dessa intolerância, as barreiras arquitetônicas impedem o ir e vir de qualquer cidadão, seja deficiente ou não. "Aracaju precisa melhorar muito", disse o vereador Lucas Aribé.

Para Luiz Durval, da Emurb, a cidade não é um paraíso. "Não sou de dourar a pílula, mas vejo Aracaju em um processo de transição, onde ainda há resistência por parte da população", enfatizou. Tão otimista quanto Durval, o

promotor Gilton Feitosa considera que Aracaju ainda está no preto e branco, mas que ganha cores aos poucos.

APARELHAMENTO

"A cidade caminha devagar, mas não está parada nesse tema. Há uma resistência cultural e estrutural. Isso é novo, transformador. Tudo o que é novo incomoda, gera conflito", admitiu. O promotor considera que o Poder Público está desaparelhado. "Esse dado é histórico. O Município tem que se aparelhar para cumprir essa tarefa, a de assegurar a acessibilidade a todos os cidadãos", salientou.

Essa falta de estrutura do poder público foi confirmada por Luiz Durval. O órgão que ele preside, a Emurb, tem apenas dois fiscais para monitorar toda a cidade. "Nós não estamos preparados", afirmou. Adenilde Gama, da Emsurb, reconhece que o órgão tam-

bém tem carência de fiscais. "Não dá para tapar o sol com a peneira. Há problemas, mas a população precisa ajudar, por exemplo, evitando colocar entulhos na calçada que é um bem público", disse. Essa falha na fiscalização de órgãos como a Emurb e Emsurb permite que áreas públicas sejam ocupadas irregularmente e calçadas sejam construídas fora dos padrões. O jornalista Jozailto Lima disse nunca ter visto uma cidade com calçadas mais aviltadas que as de Aracaju.

ATUAÇÃO

"Sou um crítico. A cidade cresceu sem planejamento. Aracaju é, praticamente, uma cidade invadida, e o Município ainda tem que indenizar os invasores quando quer alargar uma rua", afirmou Francisco Navarro, da SMTT. Para Antônio Fonseca, da Associação dos Deficientes Motores, falta tudo em Aracaju.



Lucas: Aracaju precisa melhorar



Ana de Fátima: escolas têm que se estruturar



Clélio: rampas são perigosas

"Tivemos alguns avanços por causa dos Ministérios Públicos Estadual e Federal, mas falta acessibilidade até no Case", enfatizou. O MPE ingressou com uma ação contra o Estado para viabilizar o acesso de todos, inclusive dos deficientes, no Centro de Atenção

à Saúde - Case. O vereador Lucas defende o cumprimento das leis, reconhece que o MPE tem tido uma atuação forte na defesa da acessibilidade, mas lamenta que nem o prédio do Ministério Público seja totalmente acessível.

"Isso ocorre na Câmara de Vereadores. Houve uma sessão especial em que um cadeirante não pode subir para falar na tribuna. Eu considero que não há interesse em encerrar a acessibilidade como uma política de Estado", afirmou.

Para o promotor Gilton Feitosa, o pecado dos poderes é maior, porque a União elabora políticas públicas que esbarram no pacto federativo, no repasse de recursos. "O Município tem uma estrutura frágil para cumprir todas as leis", salientou. Antônio Fonseca defende que os deficientes sejam convidados a participar da elaboração dessas políticas públicas.

[>] COMENTE ESTA MATÉRIA
opine@cinform.com.br